

A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO EM SUA TRAJETÓRIA  
POLÍTICA: A IDENTIDADE DE UM CANDIDATO À PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

Eliana Alves GRECO (UEM/PG-USP)

*ABSTRACT: This article aims at verifying how the notions of both the discursive formation and inter-discourse contributed to the identities production in what concerns Lula's speech during the elections in 1989 and 2002.*

*KEYWORDS: identity; discursive formation; inter-discourse.*

## 0. Introdução

O objetivo deste artigo é verificar como as noções de formação discursiva e interdiscurso contribuem para o tratamento do tema da produção de identidades nos discursos de Lula nas eleições de 1989 e 2002. Anteriormente à análise, discorreremos sobre a noção de formação discursiva, a qual possibilita compreender o processo de produção de sentidos.

## 1. Perspectiva teórica

A noção de formação discursiva é concebida inicialmente por Foucault, afirmando que ela é a “lei de coexistência dos enunciados”:

Um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo. Mas enquanto a regularidade de uma frase é definida pelas leis de uma língua, e a de uma proposição pelas leis de uma lógica, a regularidade dos enunciados é definida pela própria formação discursiva. (Foucault, 2002:135)

Esse conceito entrou para a Análise do Discurso com Pêcheux, partindo da noção de formação ideológica, definida como “um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’

nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras” (Pêcheux e Fuchs, 1997: 166). Cada formação ideológica comporta como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas.

Pêcheux chama de formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, ou seja, a partir de uma posição dada numa conjuntura, determina o que pode e deve ser dito. Dessa forma, podemos dizer que a formação discursiva na qual o sujeito está inserido é que irá demarcar o que é possível ou não de ser enunciado por esse sujeito.

Brandão (1998) afirma que não se deve procurar a identidade de uma formação discursiva numa análise fechada, voltada para seu interior, porém numa análise que vê a formação discursiva em sua relação com outras formações discursivas com as quais dialoga e atravessa seu campo. Assim, o objeto de análise não deve ser a formação discursiva na relação com ela própria, mas a zona de contato que delimita e constitui a formação discursiva.

Considerando que a identidade discursiva está construída na relação com o Outro, Maingueneau (1984: 11) defende a hipótese de que “o interdiscurso tem primazia sobre o discurso”. Dessa forma, a unidade de análise pertinente é o interdiscurso, ou seja, um espaço de trocas entre inúmeros discursos convenientemente escolhidos. Isso significa que sempre que se analisa um discurso, faz-se uma análise dos discursos que com ele se articulam, respeitando-se, porém, a identidade e a autonomia relativa do discurso que é objeto de análise. Assim, é a relação interdiscursiva que estruturará a identidade das formações discursivas, e essa identidade irá preestabelecer os possíveis sentidos de um discurso.

Levando em consideração essa hipótese, Brandão afirma que todo discurso é polêmico:

Isto é, um discurso nunca é autônomo na medida em que todo discurso se funda na relação interdiscursiva; na medida em que todo discurso contém outras falas – passadas ou presentes – com as quais mantém uma relação de aliança, de reação ou de confronto; na medida em que cada dizer se define, delimita o seu território levando em conta o dizer do outro. (1997: 60)

Nesse caso, estamos diante da polêmica como um fenômeno mais amplo, porém ela também pode ser entendida em sua acepção mais restrita, como a “coexistência, num mesmo espaço discursivo, de dois

pólos em torno dos quais se estruturam formações discursivas oponentes” (Brandão, 1997: 60).

Considerando a perspectiva teórica exposta, analisaremos os debates da campanha de 1989 e de 2002 de Luiz Inácio Lula da Silva.

## 2. Análise

O *corpus* para a análise é constituído por dois debates entre candidatos à presidência da República do Brasil. O primeiro é o segundo debate do segundo turno da campanha de 1989, realizado em 14 de dezembro, entre Fernando Collor de Melo do PRN e Luiz Inácio Lula da Silva do PT. Enquanto o segundo debate é do segundo turno da campanha de 2002, em que estavam concorrendo José Serra do PSDB, representante do governo, e Luiz Inácio Lula da Silva do PT, representando a oposição.

Considerando a amplitude do *corpus*, escolhemos para a análise um fragmento do discurso de Lula de cada debate. Do debate de 1989, analisaremos a parte do discurso cujo tema é o salário e do de 2002, a fala do candidato sobre o tema emprego/desemprego.

A eleição de 1989 é marcada por ser a primeira eleição direta para a presidência da república após 29 anos. O povo brasileiro, com quase 30 anos sem escolher seu presidente, estava aprendendo a lidar com a democracia. Já a eleição de 2002 marcava a quarta eleição direta para a Presidência da República e a quarta tentativa de Lula de se eleger presidente. O presidente Fernando Henrique Cardoso estava encerrando o segundo mandato consecutivo, estando, portanto, há oitos anos no poder. Muitos eleitores, cansados de conviver com o desemprego, a violência, a crise na saúde e na educação, queriam mudança. Lula representava a mudança e, por isso, antes do debate, já contava com muitos votos na frente de seu adversário. Além disso, foram feitas alianças com outros partidos para o segundo turno, o que garantiria os votos dos outros dois candidatos derrotados no primeiro turno.

O gênero discursivo debate reflete uma situação de polêmica em seu sentido restrito, pois vemos o sujeito desqualificando a fala de seu adversário, numa situação em que duas ou mais posições antagônicas “se confrontam e se afrontam”. (Brandão, 1997: 60)

Nos dois debates, vemos a desqualificação da fala do adversário, porém, em 1989, houve mais acusações mútuas, pouco se discutindo os projetos de campanha. Já, na campanha de 2002, os comentários dos candidatos se referiram mais ao plano de governo. Há um menor número de desqualificações e acusações, que não são tanto no nível pessoal.

O candidato Serra desqualifica o PT, bem como os políticos desse partido, ao passo que Lula desqualifica o governo, apontando os problemas existentes hoje no Brasil, lembrando que, se, em oito anos, eles não foram resolvidos, o candidato que representa o governo também não os resolverá no próximo mandato.

Os sujeitos, numa polêmica, não só fazem acusações, desqualificando o outro, como também se defendem das acusações de seu adversário (Brandão, 1997). Essa estratégia de defesa é utilizada por Lula, no discurso de 1989, ao trazer para seu discurso a voz da imprensa:

Eu fico com o noticiário da imprensa porque aah... toda a imprensa noticiava, todo santo dia: "petista atacado", "petista apanhou", "petista vai para o hospital", "petista tomou cacetada", "petista não sei o que lá".

No discurso anterior a este, Collor alegara que militantes do PT usaram de violência contra as pessoas de sua campanha em seu comício, e Lula, para se defender da acusação, inverte o jogo, afirmando que os petistas que eram vítimas de violência. E, para negar o que seu interlocutor afirmara, o sujeito se utiliza da voz da imprensa, através da heterogeneidade mostrada, a qual funciona como um argumento de autoridade. Logo depois, através do enunciado “**não** do povo que estava no comício”, o sujeito nega claramente as afirmações de seu adversário, dizendo que a violência partiu dos próprios “paramilitares que ele (seu opositor) levava para os comícios” (sic).

No debate de 2002, antes de responder a pergunta que lhe foi dirigida sobre a questão do emprego/desemprego, Lula se utiliza da polêmica, para se defender de uma acusação feita por seu adversário:

Eu disse que sou a única possibilidade, não por ser arrogante, porque o meu adversário já está há 8 anos no governo e só fizeram duas reuniões com governadores e, praticamente, nenhuma com sindicalistas, neste período todo.

Temos uma defesa, que para ser entendida, é necessário voltarmos a alguns trechos anteriores a este. Lula havia dito que ele “era a única possibilidade que o Brasil tem de construir um pacto social”. Diante dessa afirmação, seu adversário político, José Serra, enuncia que

Eu não me apresento como a única possibilidade (de) um acordo social no Brasil. Na medida em que eu sou candidato eu me apresento como a melhor possibilidade, mas não teria a arrogância de dizer que eu sou a única...

Serra se apropria do discurso de Lula, negando para si essa afirmação, desqualificando seu adversário. O enunciado negativo “não teria a arrogância”, aponta para o enunciado afirmativo implícito de que seu oponente “teve a arrogância ao se dizer único candidato” e ao mesmo tempo constrói para si uma identidade de homem sem arrogância.

Lula continua afirmando que é a única possibilidade que o país possui para construir um pacto social, e ao enunciar “não por ser arrogante”, nega o enunciado de seu adversário e se justifica, acusando o governo atual de não ter competência para criar um pacto social, enquanto ele se mostra como o único capaz de fazer pactos sociais.

Numa situação de polêmica, a identidade dos sujeitos é definida pelas formações discursivas em confronto (Brandão (1997)). Nesse sentido, Serra e Lula trazem para seu discurso a voz de seu adversário para desqualificá-la, porém o sujeito não está apenas desqualificando o adversário, mas também está construindo sua própria identidade. Quando o sujeito desqualifica seu oponente, de forma implícita, atribui para si as qualidades que os outros não têm. Ele se coloca em posição oposta a seu adversário e marca a distinção entre formações discursivas às quais pertencem, construindo a imagem que deseja legitimar para si mesmo. A identidade de Lula se constrói na relação que seu discurso mantém com os outros discursos; como o sujeito vê os outros e como ele se vê.

Em um debate, os sujeitos têm como interlocutores os expectadores, seu adversário político, o mediador do debate e os entrevistadores. Dentre estes, interessam-nos os eleitores expectadores do debate, pois são a eles que o sujeito procura persuadir. Nos fragmentos de discurso em análise, o sujeito não se dirige diretamente ao seu eleitorado, portanto estes não são marcados lingüisticamente, mas, através do discurso, é possível perceber quem eles são.

No debate de 1989, Lula se dirigia somente à classe trabalhadora: “precisamos recuperar o poder aquisitivo da classe trabalhadora”, “recuperar o salário que a classe trabalhadora teve archoado nesses últimos anos”, “pagar bom salário”. A classe trabalhadora era colocada em oposição à empresarial, a qual era vista como aquela que “ganha as fortunas”, “engorda a sua conta bancária”, “engorda o seu patrimônio pessoal”. Ele se refere aos empresários, tendo

como projeto de governo a idéia de “que eles precisam deixar de ganhar as fortunas que estão ganhando hoje”.

Para Lula, o que geraria emprego seria o bom salário ao trabalhador: “bom salário gera poder de compra, poder de compra gera emprego, emprego gera novos salários, novos poder de compra, novos empregos”.

Havia uma nítida separação entre trabalhadores e empresários, entre a classe dominada e a dominante. Diante disso, obviamente o candidato não receberia os votos desse segmento da sociedade, contando apenas com o voto dos trabalhadores, o que diminuiria suas chances de ser eleito presidente.

Na campanha de 2002, a classe empresarial é vista como aquela que ajudará a criar novos empregos e fará a economia brasileira crescer.

É por isso que nós vamos incentivar o crescimento da poupança interna, ah/ facilitando a criação de fundo de pensões, facilitando cooperativas de créditos, utilizando dinheiro do BNDS, da Caixa Econômica, do Banco do Brasil para investir em atividades que possam gerar empregos (...)

Lula amplia seu eleitorado, não se fixando apenas na classe trabalhadora. Assim, não é o alto salário da classe trabalhadora que fará gerar empregos, mas todo um conjunto, como investimento do Estado em atividades diversas e o crescimento da poupança. A preocupação é com o crescimento de todos os segmentos da sociedade, com a produção, a industrialização e a comercialização.

Outro ponto da análise que queremos levantar é sobre a origem social do sujeito. É de conhecimento geral que Lula é um homem de origem pobre, um retirante nordestino, ex-sindicalista, vítima da fome, do desemprego e da discriminação social. Percebemos, em seus discursos, que o sujeito não apaga sua consciência de classe, pelo contrário, normalmente fala do lugar social do pobre e do oprimido.

No discurso de 1989, essa consciência é bem nítida ao lutar pela melhoria do salário do trabalhador. Na campanha de 2002, sua origem de homem pobre, que passou pelo desemprego, continua transparecendo, em seu discurso, quando enuncia: “a questão do emprego tem que ser uma obsessão”, “nós precisamos fazer com que o Brasil tenha emprego e eu vou fazer, porque transformei isso numa obsessão minha”, “isso eu vou perseguir porque eu sei o que é o desemprego.”

No fragmento abaixo, a identificação do sujeito com a classe trabalhadora se dá com a repetição excessiva de “a gente”, que, neste contexto, se refere ao sujeito que está enunciando e aos co-enunciadores, ou seja, o sujeito Lula se insere entre o povo brasileiro que se sente digno com um trabalho:

“Nada dá mais dignidade do que **a gente** trabalhar, no final do mês receber um salário e com o salário **da gente, a gente** comprar o que comer, comprar o que vestir e levar as coisas pra dentro da casa **da gente.**” (o grifo é nosso)

A identidade de homem de origem humilde, trabalhador e desempregado faz com que haja uma identificação do povo com o candidato.

A capacidade de negociar com os diversos segmentos da sociedade é outro ponto que gostaríamos de ressaltar nos dois discursos.

No discurso de 1989, essa capacidade é construída nestes segmentos:

Em segundo lugar, dizer que é preciso ter habilidade pa tentar negociar um entendimento na sociedade brasileira.

E aí eu penso que pouca gente no Brasil, sem nenhuma falta de modéstia, tem competência e tem do seu lado os setores organizados da sociedade, como eu tenho hoje, pra negociar nesse país.

A partir daí, é convencer a classe empresarial de que eles precisam deixar de ganhar as fortunas que estão ganhando hoje;

No último fragmento, o uso da palavra “convencer” traz o implícito de que Lula irá negociar com a classe empresarial, já que o Dicionário Aurélio traz como uma das acepções de convencer o sentido de “persuadir com razões, argumentos”. Ou seja, através de diálogo e argumentos, ele conseguirá com que os empresários deixem “de ganhar as fortunas que estão ganhando”.

No discurso de 2002, essa imagem de articulador, de negociador, é mais forte, porque Lula se coloca como o único competente para negociar com os setores da sociedade:

Eu disse que sou a única possibilidade, não por ser arrogante (...). Ah... eu acho que tem que conversar, fazer política é exatamente isso.

Para finalizar a análise, destacamos um segmento de discurso de 1989, em que o sujeito exclui a classe empresarial e defende a recuperação do salário da classe trabalhadora:

recuperar o salário que a classe trabalhadora teve arrojado nesses últimos anos. A partir daí, é convencer a classe empresarial de que eles precisam deixar de ganhar as fortunas que estão ganhando hoje; é preciso que muitos empresários deixem de engordar a sua conta bancária (...)"

Percebemos atravessar, no discurso acima, a formação discursiva sindicalista. Temos a impressão de que o discurso foi enunciado não do lugar do candidato à Presidência da República, mas do lugar do sindicalista, aquele que critica os empresários, os quais são seus patrões, e luta para o aumento de salário dos colegas trabalhadores. Podemos afirmar que isso ocorre porque a formação discursiva do PT foi construída, entre outras classes, pelos sindicalistas, e devido a isso, ela é atravessada pela formação discursiva sindicalista.

### 3. Considerações finais

O que foi possível percebermos na análise dos discursos é que, no discurso de 1989, é construída a identidade de um representante da classe trabalhadora. Lula se identifica com seus eleitores e fala do lugar do representante político popular. Enquanto que, no discurso de 2002, é construída a identidade de um representante não só da classe trabalhadora, mas de toda a nação brasileira. A condição social de origem do sujeito ainda é explorada, identificando-se com a história de muitos brasileiros, mas se mostra também como um homem conhecedor dos problemas de diversos segmentos da sociedade. Nos dois debates, vemos a identidade de um articulador, porém essa característica é mais forte em 2002, pois ele se apresenta como o único capaz de construir um pacto social, ou seja, um verdadeiro estadista.

Além disso, podemos afirmar que a fala de Lula, em 1989, está mais submetida às coerções e restrições da formação discursiva do Partido dos Trabalhadores, que é uma formação discursiva de esquerda,

social-democrata, que defendia os trabalhadores. Já, na quarta tentativa de Lula de ser Presidente da República, a formação discursiva de esquerda se desloca para a direita, passando a ser atravessada pela formação discursiva neo-liberal.

## ANEXOS

### DEBATE DE 1989

Lula - Eu fico com o noticiário da imprensa porque aah... toda a imprensa noticiava, todo santo dia: "petista atacado", "petista apanhou", "petista vai para o hospital", "petista tomou cacetada", "petista não sei o que lá". Eu acho que é importante nosso adversário ler um pouco a imprensa dessa campanha, pra poder... não vai ter mais debate, mas, possivelmente, em alguma entrevista, dizer claramente que a violência partia-se, não do povo que estava no comício, dos paramilitares que ele levava para os comícios.

Em segundo lugar, dizer que é preciso ter habilidade pra tentar negociar um entendimento na sociedade brasileira. Eu entendo, Mitre, que é plenamente possível estabelecer esse entendimento. Em primeiro lugar, se nós não levamos como pressuposto básico a necessidade que tem que arrochar salário, é preciso que se leve como pressuposto básico a necessidade que qualquer entendimento parte do princípio de que precisamos recuperar o poder aquisitivo da classe trabalhadora, ou seja, recuperar o salário que a classe trabalhadora teve arrojado nesses últimos anos. A partir daí, é convencer a classe empresarial de que eles precisam deixar de ganhar as fortunas que estão ganhando hoje; é preciso que muitos empresários deixem de engordar a sua conta bancária, deixem de engordar o seu patrimônio pessoal, pra que uma parte disso seja revertido em salário, pra que a gente possa criar um dinamismo na sociedade, ou seja, pagar bom salário. Bom salário gera poder de compra, poder de compra gera emprego, emprego gera novos salários, novos poder de compra, novos empregos, ou seja, é esse dinamismo que nós queremos criar. E aí eu penso que pouca gente no Brasil, sem nenhuma falta de modéstia, tem competência e tem do seu lado os setores organizados da sociedade, como eu tenho hoje, pra negociar nesse país.

### DEBATE DE 2002

Lula: Olha só, eu queria responder uma parte da outra pergunta. Eu disse que sou a única possibilidade, não por ser arrogante, porque o meu adversário já está há 8 anos no governo e só fizeram duas reuniões com governadores e, praticamente, nenhuma com sindicalistas, neste período todo. Ah... eu acho que tem que conversar, fazer política é exatamente isso. A questão do emprego tem que ser uma obsessão. Por isso é que eu disse que cada dinheiro que o Estado puder investir, ele tem que investir na perspectiva de gerar um posto de trabalho. No nosso documento, nós estamos dizendo claramente que o Brasil precisa gerar 10 milhões de empregos, se pudermos vamos gerar mais, se não pudermos vamos gerar aquilo que for possível gerar. Mas o dado concreto é que nós precisamos fazer com que o Brasil tenha emprego e eu vou fazer, porque transformei isso

numa obsessão minha. É por isso que nós vamos incentivar o crescimento da poupança interna, ah/ facilitando a criação de fundo de pensões, facilitando cooperativas de créditos, utilizando dinheiro do BNDS, da Caixa Econômica, do Banco do Brasil para investir em atividades que possam gerar empregos e, sobretudo, aquelas atividades que não precisa importar nada, como a construção civil, como a agricultura, nós queremos incentivar a agricultura familiar, pra que ele possa, ao mesmo tempo que produzir, industrializar e comercializar pra gerar empregos e trabalhos nas pequenas e médias cidades brasileiras. E isso eu vou perseguir porque eu sei o que é o desemprego. E eu acho que o emprego é o que dá dignidade ao ser humano. Nada dá mais dignidade do que a gente trabalhar, no final do mês receber um salário e com o salário da gente, a gente comprar o que comer, comprar o que vestir e levar as coisas pra dentro da casa da gente. Lamentavelmente, uma parte da elite brasileira resolveu educar uma parcela da sociedade a ficar pedindo favores pro Estado, e isso não dá dignidade ao ser humano e eu quero dar dignidade ao povo brasileiro. Viver as custas do seu trabalho.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Discurso e modelos de identidade política. In: POSSENTI, Sírio e CHACON, Lourenço. *Cadernos da FFC: análise do discurso*. Marília, v. 6, n.2, p. 59-72, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Subjetividade, argumentação, polifonia*. A propaganda da Petrobrás. São Paulo: Unesp, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Genèses du discours*. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1984.
- PÊCHEUX, Michel e FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Toni (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997.